



**EDUCAÇÃO PARA A CULTURA VISUAL: CONFLUÊNCIAS ENTRE ARTE
CONTEMPORÂNEA E A TREND DO 'ARRUME-SE COMIGO' (GRWM)**

***EDUCATION FOR VISUAL CULTURE: CONFLUENCES BETWEEN
CONTEMPORARY ART AND THE 'GET READY WITH ME' TREND (GRWM)***

Daiane Ferrari Constante¹
UFRGS
Associada ANPAP: não

Dr^a Analice Dutra Pillar²
UFRGS
Associada ANPAP: sim

RESUMO

O presente trabalho apresenta algumas questões sobre a aprendizagem voltada para os estudos da cultura visual. Entendendo o mundo atual como de domínio das imagens, reflexões a respeito de como essas visualidades impactam na formação das subjetividades dos estudantes, são urgentes. A partir da noção de micro e macronarrativa de María Acaso, analisamos duas produções compartilhadas por meninas através da Internet, que criaram vídeos de acordo com a tendência do *'Arrume-se comigo para a escola'* (*GRWM for school*). Em contraponto, examinamos duas obras de artistas contemporâneas que problematizam rituais de beleza. Assim, acreditamos na escola como um espaço oportuno para que através da arte, seja possível encontrar maneiras alternativas de pensar, sob um ponto de vista crítico, a respeito dos discursos que naturalizam certas práticas que podem ser nocivas.

Palavras-Chave: Cultura Visual. Ensino de Arte. Arte Contemporânea. Padrões de Beleza. Redes Sociais.

ABSTRACT

This paper presents some questions about learning focused on visual culture studies. Understanding the current world as dominated by images, reflections on how these visualities impact the formation of students' subjectivities are urgent. Based on Maria Acaso's notion of micro and metanarrative, we analyze two productions shared by girls on the Internet, who created videos in line with the trend of 'Get ready with me for school' (GRWM for school). In contrast, we examine two works by contemporary artists who problematize these beauty rituals. Therefore, we believe that school is an opportune space for finding alternative ways of thinking, from a critical point of view, about the discourses that naturalize certain practices that can be harmful.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

KEYWORDS: *Visual Culture. Art Education. Contemporary Art. Beauty Standards. Social Networks.*

A compreensão das visualidades que constituem o mundo contemporâneo deve ser um dos propósitos de uma educação voltada para os estudos da cultura visual. Aprender a ler, interpretar, olhar com criticidade e perceber os discursos contidos nas imagens, é de suma importância para entender a sociedade da qual fazemos parte. Isso porque, uma das características específicas da pós-modernidade é o domínio das imagens (Hernández, 2006), sobretudo após a popularização massiva da Internet e das redes sociais. Com as redes, além de consumidores nos tornamos também produtores de imagens, assim, é necessária uma reflexão sobre os modos como essas visualidades atravessam nossas formas de ser, estar e sentir. Para Hernández (2006), os estudos do campo da cultura visual contribuíram e contribuem para aumentar nosso entendimento tanto no que se refere a problemática da visão, como quanto às maneiras culturais de ver e suas repercussões sobre as constituições das identidades.

Enquanto campo de estudos, a cultura visual engloba diferentes disciplinas consideradas autônomas. Com a “necessidade de interpretar a globalização pós-moderna do visual como parte da vida cotidiana” (Mirzoeff, 2003, p. 19), disciplinas como história da arte, cinema, sociologia, semiótica, estudos culturais, feminismos, psicologia, entre outras, se conectam para construir esse campo. A partir da proliferação de objetos visuais na atualidade, mas sobretudo pelo interesse de investigar esses objetos para aprender sobre o mundo e sobre a vida das pessoas que se relacionam com eles (Hernández, 2006), esses diversos conhecimentos, teorias e metodologias se cruzam, de forma transdisciplinar.

Subordinada ao contexto cultural e à sociedade à qual pertence (Hernández, 2005), a cultura visual pode concentrar o olhar sobre o dia a dia. Segundo Mirzoeff (2003)



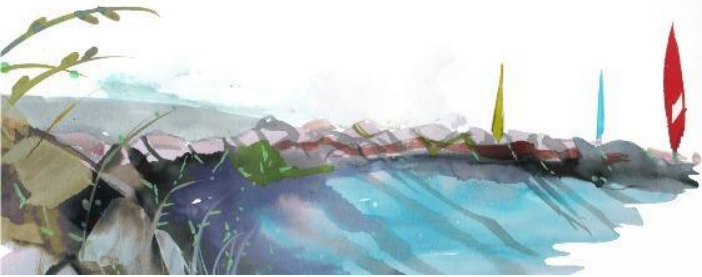
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

ela dá prioridade à experiência cotidiana do visual, desviando nossa atenção de lugares formais de apreciação como cinema e museus. No entanto, não significa que as produções artísticas também não sejam objeto de estudo da cultura visual. Conforme nos diz Hernández (2006, p. 98) “[...] o objeto da cultura visual seria o estudo da visualidade humana, em toda a sua extensão e sem separação entre manifestações científicas ou artísticas, populares ou de alta cultura” (*tradução nossa*). O campo, por fim, se dedica às múltiplas formas de representações visuais da atualidade, sem distinção ou hierarquias elitistas.

No que toca à educação, incluir as representações do nosso tempo na sala de aula é uma maneira de aproximar os conhecimentos curriculares dos alunos, utilizando o contexto cultural e as vivências atuais. Isso significa uma aproximação fundamentada sob um ponto de vista crítico, olhando com cautela e certa profundidade para as representações que fazem parte dos repertórios da juventude e das crianças. Para Fernando Hernández (2007, p. 32) “[...] as representações visuais têm a ver com a constituição dos desejos, na medida em que ensinam a olhar e a olhar-se, contribuindo para a construção de representações sobre si e sobre o mundo [...]”. Nas visualidades, os jovens encontram muitas referências que ajudam a construir suas identidades e são parte relevante de quem se é, ou de quem se quer ser. Kerry Freedman (2003) também lembra da importância de compreender as experiências visuais e analisar criticamente as imagens para que os alunos sejam capazes de avaliar o modo como elas formam a cultura, a sociedade e as identidades.

Nesse sentido, a inclusão de representações visuais do cotidiano no currículo, conforme Belidson Dias (2011), além de estimular a produção, a apreciação e a crítica da arte, amplia a imaginação, a consciência social e sentimentos de justiça. À vista de uma possibilidade de compreensão sociológica, Fernando Hernandez (2005), diz que as produções midiáticas e visuais podem ajudar a observar questões raciais, de classe, de gênero e de sexualidade e identificar a complexidade de certos posicionamentos e discursos. Dias (2011) complementa:



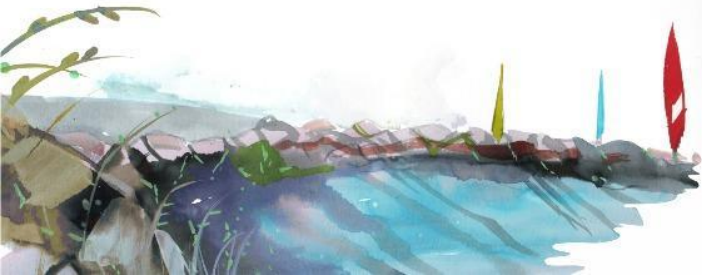
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

[...] a educação da cultura visual é aberta a novas e diversas formas de conhecimentos, promove o entendimento de meios de opressão dissimulada, rejeita a cultura do Positivismo, aceita a ideia de que os fatos e os valores são indivisíveis e, sobretudo, admite que o conhecimento é socialmente construído e relacionado intrinsecamente ao poder. Necessariamente, a educação da cultura visual incentiva consumidores passivos a tornarem-se produtores ativos da cultura, revelando e resistindo no processo às estruturas homogênicas dos regimes discursivos da visualidade. (Dias, 2011, p. 62)

No trabalho educativo com essas representações, o professor deve ensinar a identificar o poder que as imagens exercem e interpretar as mensagens ali inscritas. Hernández (2007) sugere que o trabalho pedagógico não se restringe ao processo de ensino-aprendizagem, mas que também é uma prática política, por isso, o professor deve estar atento aos discursos que mostram certas visões de mundo e representações que excluem determinados sujeitos e suas identidades. Uma proposta educacional que tem por base a cultura visual, ainda segundo Hernández (2007), deve propor questões que possuam relevância social e abordar temas que produzam crenças, valores e atitudes, que de alguma maneira, estejam influenciando estudantes e/outros grupos. O autor manifesta que o foco deve ser representações com determinados status, que sejam referenciais: "Tudo aquilo que nos diz algo sobre quem somos ou devemos ser; aonde devemos ir para comprar, ver ou ouvir; sobre o que devemos pensar ou como temos de olhar, torna-se, assim, objeto de nossa atenção" (Hernández, 2007, p. 83).

Em seu livro *Catadores da Cultura Visual* (2007) Fernando Hernández apresenta uma síntese com alguns princípios ou possibilidades de ação em uma proposta educativa fundamentada no que ele chama de *abordagem crítica e performativa* de aprendizagem em cultura visual. Entre vários pontos, Hernández (2007) nos diz que podemos enquanto educadores: explorar como as manifestações constroem narrativas que produzem representações de sujeitos e de mundo; explicar como são as estratégias de convencimento por trás desses discursos para desenvolver



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

criticidade em relação a elas; explorar os efeitos das manifestações da cultura visual sobre os sujeitos, as experiências e as práticas sociais; aprender as relações de poder e as experiências de ver e ser olhado que cabem às manifestações da cultura visual; Compreender como as representações influenciam nossas ideias e constroem as relações de poder em temas como raça, classe, gênero, sexualidade; criar narrativas visuais alternativas que dialoguem com as da cultura visual.

De modo semelhante, María Acaso (2009) sinaliza que o professor que se compromete em adotar novas práticas no ensino das artes e cultura visual deve "[...] ensinar a construir textos visuais que exerçam outro tipo de poder ou que invertam as relações de poder" (Acaso, 2009, p. 142). Segundo a autora, as imagens podem ser classificadas em macronarrativas ou micronarrativas, conforme o tipo de mensagem que elas transmitem (Acaso, 2006). As macronarrativas são instrumentos de poder que visam modificar nosso conhecimento para que pensemos o que interessa aos outros. Já as micronarrativas são um instrumento contra o poder que nos faz refletir para que possamos sozinhos, estabelecer uma opinião sobre o que acontece no mundo. Desenvolvendo temas atuais e através do questionamento de muitos dos discursos midiáticos e massivos, a arte contemporânea pode servir como um contraponto às imagens criadas pelo sistema, pelo patriarcado e pelo capitalismo. Acaso (2009) nos fala que, enquanto a TV, a publicidade, os filmes de Hollywood, através de suas metanarrativas, tentam manter o sistema capitalista e patriarcal funcionando, apoiado no hiperconsumo, a arte contemporânea aparece como uma micronarrativa visual que tenta nos mostrar os perigos dessa cultura. Segundo a autora:

[...] a arte contemporânea é o único contexto a partir do qual, e com as mesmas armas (linguagem visual), se pretende conscientizar o espectador sobre o que está acontecendo no mundo, colocar o dedo na ferida, remover a venda de um espectador cego que acredita ter visão (Acaso, 2009, p.124, *tradução nossa*).

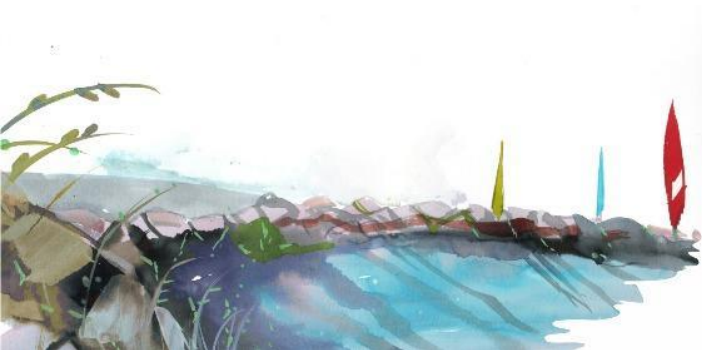


Assim, a arte contemporânea pode ser apresentada nas aulas como referência para a criação de imagens que problematizem os discursos hegemônicos, que mostrem visões alternativas a essas mensagens.

Representações da Arte contemporânea e da tendência do Get Ready With Me (GRWM)

Parte da cultura visual, as redes sociais como Instagram e Tik Tok exercem hoje grande influência na construção das subjetividades dos estudantes. Isso posto, apresentamos aqui uma análise utilizando produções que condizem com a ideia de macronarrativa e micronarrativa de Maria Acaso. A partir da leitura de imagens da cultura visual - uma obra de arte de Leticia Parente do ano de 1975; uma performance artística de Priscila Resende de 2015; e duas produções do tipo GRWM compartilhadas por usuárias de plataformas digitais - intencionamos mostrar a pluralidade e interdisciplinaridade dos temas que a aproximação dessas criações pode suscitar.

Quanto ao tipo de produção acima citada (*Get ready with me* - na sigla *GRWM* - e no português, '*Arrume-se comigo*') é preciso dizer que há alguns anos as redes sociais foram tomadas por essa tendência (*trend*) na qual as pessoas falam sobre suas experiências enquanto se arrumam para alguma tarefa ou evento específico. Segundo Elli Muir (2025) esse formato tem sido a espinha dorsal do conteúdo dos influenciadores, desde o início dessa cultura. Nesses vídeos, enquanto se arrumam, os influenciadores conversam com os seus seguidores fazendo com que esses se sintam como amigos próximos, trocando dicas e mostrando sua rotina, muitas vezes, dentro de seus espaços mais reservados, como os quartos.



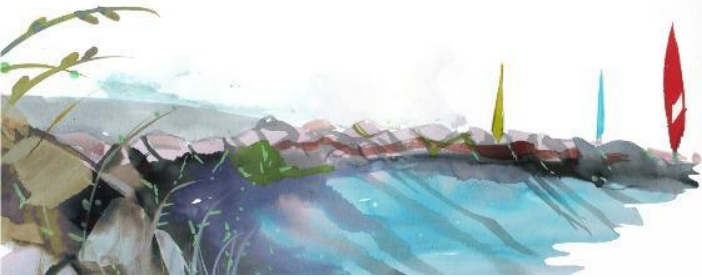
Vídeo GRWM for School 1

A sequência de fotos abaixo (Imagem 1) mostra um desses vídeos, compartilhado no *Instagram* por uma menina, com a legenda: “*Get ready for school with me besties*”. O vídeo foi encontrado pelas pesquisadoras através da ferramenta de busca da plataforma. Pode-se dizer pela aparência da menina, que se trata de uma criança. Não temos a informação de sua idade, mas ela é moradora do Reino Unido, conforme escrito no seu perfil.



Imagem 1: Vídeo GRWM. Fonte: *Instagram*.

Sentada, com o telefone à sua frente, ela inicia o vídeo desenrolando os cabelos que estavam presos em um modelador de cachos, produto que consiste em uma espécie de rolo no qual se prende em espiral o cabelo. Ela fala de maneira muito suave, com sua voz infantil, narrando os passos que está fazendo. Sua conversa com o público é sobre os processos e passos do seu aprontar-se para a escola. Após, ela prende o cabelo com presilhas e nos diz que vai iniciar sua *skincare* (cuidados com a pele). Ela vai passando então, uma série de produtos. Inicia com um produto chamado *Watermelon Glow Ultra-Fine Mist*³, ou seja, uma névoa ou bruma para borrifar no rosto. Segundo a marca, o produto serve para hidratar, amaciar e aumentar o brilho da pele. Entre os ingredientes, o produto contém ácido hialurônico, que serve para



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

combater o envelhecimento e suavizar rugas e marcas de expressão. Depois, ela utiliza um sérum hidratante que também contém ácido hialurônico, conforme site do fabricante. Usa, na sequência, um outro sérum hidratante que promete aumentar a hidratação e rejuvenescer peles secas e opacas, conforme o site do produto. Esse sérum contém um outro ingrediente estranho para uma criança: niamicida, que tem ação antioxidante e clareadora, ajudando nos casos de melasma, por exemplo. O quarto produto que ela usa é outro hidratante que também possui niacinamida na fórmula. Ela passa ainda, um gel hidratante, um protetor solar e mais uma vez, a névoa/bruma. Rotina de *skincare* finalizada, ela inicia a maquiagem. Usa o curvex para alongar os cílios, um hidratante labial e um gloss. Prende os cabelos, comenta que esse é o look final dela e diz: “*Tristemente, é só isso por hoje. Tchau besties*”. O vídeo tem aproximadamente 2 minutos e 20 segundos e 26,8 mil visualizações⁴ no Instagram.

Vídeo GRWM for School 2

A segunda produção também foi encontrada no Instagram usando a ferramenta de busca e a *hashtag* #GRWM for School. Compartilhado por uma menina adolescente no seu perfil pessoal, o vídeo tem 451 mil visualizações⁵ e cerca de 1 minuto (Imagem 2). A jovem está sentada à frente do que parece ser uma penteadeira e parte de um espelho aparece à esquerda do vídeo. Ela olha para esse espelho em alguns momentos, em outros, olha para a câmera que a está gravando. Usando uma faixa de cabelo que tem orelhas e a carinha de um ursinho de pelúcia, ela mergulha o rosto três vezes em uma bacia com água e gelo. Isso é mostrado através de três cortes editados desses momentos. Após esses cortes, ela aparece aplicando um protetor solar com cor e um hidratante. Enquanto passa os produtos, ela comenta que finalmente conseguiu ajustar o seu horário de sono, que foi dormir por volta das dez horas da noite. Prosseguindo, ela usa o curvex e aplica máscara para os cílios. Ela comenta, nesse instante, que as amigas pediram carona para ir à



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

escola. Depois, ela passa bastante blush e dá a dica de que quando ela aplica demais, usa um pincel grande para tirar o excesso, o que ela faz logo em seguida. Nos lábios, ela passa um hidratante labial, um lápis de contorno e mais um batom líquido. A última etapa da sua arrumação é ajeitar a franja usando uma escova elétrica. Depois disso, ela aparece já com outra roupa, pronta para ir à escola. No entanto, antes de sair, ela ainda fala que ela fez o melhor possível e que hoje não vai se atrasar. Ela diz isso olhando para o braço, como se ali estivesse um relógio – que não está.

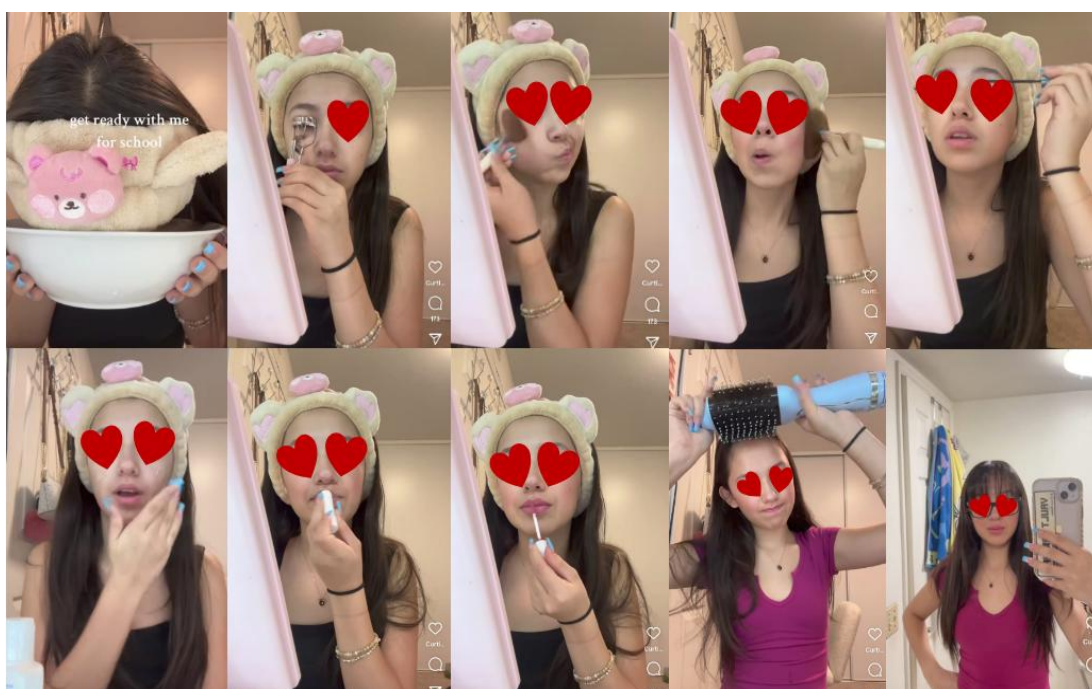


Imagem 2: Vídeo *GRWM for School*. Fonte: *Instagram*.

Obra de arte 1: Letícia Parente

Na obra de videoarte intitulada *Preparação I*, de 1975 (Imagem 3), a artista brasileira Letícia Parente arruma-se diante de um espelho. Ela inicia o ritual penteando os cabelos energicamente. Pega um rolo de esparadrapo, corta um pedaço e cola em sua boca. Por cima, desenha o formato dos lábios usando um batom. Depois, corta



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

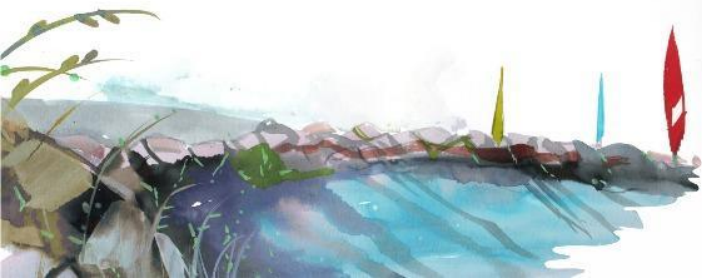
outro pedaço e cola em um dos olhos e também desenha sobre ele, dessa vez, um olho aberto. Corta mais um pedaço de esparadrapo e cola sobre o outro olho. Desenha mais um olho aberto. Ajeita mais uma vez os cabelos, dá uns tapinhas no rosto, arruma a roupa e sai.



Imagem 3: Leticia Parente. Preparação 1, 1975, 3min30seg. Fonte: Youtube

Obra de arte 2: Priscila Rezende

Na performance *Deformação*, de 2015 (Imagem 4), Priscila Rezende, em frente à uma penteadeira e espelho, inicia sua maquiagem. Primeiro, ela passa um produto que pode ser um pó compacto, depois ela aplica máscara para cílios e lápis de olho. Continua o processo aplicando blush ou iluminador e por último, passa batom. Ela passa a mão sobre o seu rosto e se ajeita enquanto fixamente olha sua imagem refletida. Começa depois a arrumar o seu cabelo. Passa as mãos lentamente, mas logo começa a puxar, as esticar mechas do seu cabelo. Cada vez com mais rapidez e força, sua expressão facial vai mudando, seu corpo se agita. Ela pega uma escova e com certa agressividade, penteia seu cabelo, tentando ajeitá-lo, como se quisesse alisá-lo. Com mais e mais força, continua se penteando. Prossegue assim por



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

minutos. Cansa, inicia o processo, se maltrata. O desespero da tarefa está ali estampado nos gestos. Ela então olha para a câmera, encara o espectador. Volta a pentear-se com vigor, danificar seus cachos, alisar o cabelo de forma agressiva. Para, encara o espelho com olhar de sofrimento e sai. Na última cena da performance, que dura aproximadamente 20 minutos, vemos o espelho no chão, quebrado.



Imagem 4: Priscila Rezende. Deformação, 2015. Fonte: Site da artista, *foto de Renata Martins*.

Algumas considerações

Bombardeados por diferentes imagens de beleza, como por exemplo, nos feeds das redes sociais, devemos estar atentos aos significados e à maneira pela qual eles nos afetam. Nesse sentido, as representações criadas no âmbito das artes visuais quando contestam as narrativas massivamente produzidas, mostram as experiências a partir de um outro ponto de vista. É o que acontece nas produções das artistas aqui apresentadas. No caso de Letícia Parente, fica visível a crítica aos padrões de feminilidade, aos rituais que um corpo feminino deve se submeter para



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

estar adequado a ocupar os espaços públicos. Segundo Vishmidt (2019, p. 453) o corpo na obra de Letícia é como um "[...] artefato de instituições de violência e controle". Seus lábios são silenciados, seus olhos vendados e assim, ela está preparada para sair de casa. "Parente faz uso do esparadrapo, tapando boca e olhos como um gesto simbólico: em nome da beleza, silencia-se; em nome do encanto, aliena-se", comenta Mاتيolli (2017, p. 69). Assim, em *Preparação I* ela cumpre esses rituais de uma forma debochada, usando o sarcasmo para revelar os significados de ser mulher, ou ainda, o que se esperaria de uma mulher: estar bela e graciosa ao mesmo que quieta e passiva. Interessante pensar que uma produção realizada nos anos de 1970 ainda pode ser tão atual.

No trabalho artístico de Priscila Rezende, o sofrimento das mulheres que não conseguem atingir determinado ideal de beleza é escancarado. Ela expõe os conflitos de uma mulher negra que acredita estar distante dos padrões socialmente esperados. Claramente, cada vez mais angustiada e perturbada pelo o que acontece - ou não acontece, ela mostra os dilemas enfrentados sobretudo em relação ao cabelo negro, ainda, infelizmente, pouco representado midiaticamente e alvo de muitos estigmas. Em relação a isso, Kanitra Fletcher (2019), nos diz que o cabelo é possivelmente o aspecto físico mais trabalhado pelas artistas negras, sobretudo por sua carga política. Segundo a autora, essas artistas reavaliam seus traços - vistos na sociedade, muitas vezes, como excêntricos e sexuais, e dessa forma, conseguem questionar também os padrões de gênero, de feminilidade e de beleza que contribuem para que as negras sejam mais suscetíveis à violência, à exploração e à violência sexual, ainda hoje (Fletcher, 2019).

Através dessas obras produzidas por artistas mulheres que contestam esses preceitos culturais acerca do corpo feminino e dos padrões de beleza, se cumpre um papel importante da arte. De acordo com Jones e Warr:

[...] os artistas encorajaram outros indivíduos, através dos seus corpos, a terem mais consciência de si próprios (a pensarem em si próprios como a carne do mundo, como uma parte absoluta da



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

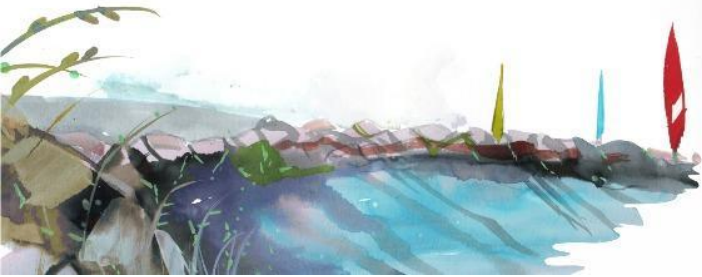
esfera social que poderíamos imaginar como a esfera pública) (Jones; Warr, 2011, p.43).

Nesse sentido, a arte pode contribuir para esse debate com algumas reflexões quanto à condição feminina, e quem sabe assim, com alguma possível mudança de mentalidade. Mudança necessária porque, como vimos nas produções compartilhadas pelas meninas no Instagram, é perceptível que a valorização da aparência e os procedimentos de embelezamento disfarçados de autocuidado ainda estão presentes na nossa sociedade, e o pior, cada vez mais cedo. Essas produções ajudam a naturalizar entre as meninas, práticas que antes eram unicamente voltadas para mulheres adultas.

No primeiro vídeo a menina aplica produtos com ácido na composição, contraindicados para crianças. Nessa direção, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2025) lançou um guia com orientações para o uso de cosméticos em crianças e adolescentes. Nele, desaconselha o uso de maquiagens e produtos de skincare em crianças e alerta sobre as composições que podem ser prejudiciais. Como a pele delas é mais fina e sensível, o uso de produtos anti-idade com ácidos, retinóides e antioxidantes, podem machucar, queimar e prejudicar a formação da barreira natural da pele. Além disso, segundo a SBP (2025) outros componentes como bisfenol, parabeno e triclosan, amplamente utilizados nesses produtos, podem provocar efeitos colaterais e alterar o sistema endócrino e a função hormonal dos indivíduos.

Além disso, nos dois vídeos das meninas também percebemos o consumo exagerado de produtos, as muitas etapas de preparação e o tempo perdido no que deveria ser a simples tarefa de se arrumar para ir à escola. Esse consumismo, conforme nos diz Wolf (2020) é o principal objetivo que as mulheres cumprem enquanto desejam ser lindas.

Em outras palavras, o desejo de cumprir com determinados padrões de beleza, gera insatisfação e esse estado, leva a compra de itens variados, com a promessa da conquista de determinada aparência. Só que isso, parece um tanto quanto absurdo



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

quando se pensa em meninas tão novas. Cogita-se que a beleza, o consumo e, conseqüentemente, o dinheiro que possibilita essas compras, estão pautando e interferindo na saúde, na autoestima e no tempo livre que elas teriam para se ocupar com outros interesses, como os estudos ou a socialização.

A comparação também aparece como um ponto a ser observado nesse sistema que produz sentimentos de constante insatisfação com a nossa aparência. Inclusive, a comparação tem sido encarada em tempos de rede social como um importante fator de adoecimento entre as meninas. De acordo com Haidt (2024) a imagem que uma menina vê no espelho fica cada vez menos atraente quando ela se compara com outras meninas que ela constantemente vê na tela. Ele ainda diz que o julgamento, os comentários e a comparação, dinâmicas presentes no uso de plataformas orientadas para o visual como o *Instagram*, tem mais efeitos prejudiciais sobre as meninas e mulheres jovens do que sobre os meninos e homens jovens (Haidt, 2024)

As redes sociais são mais prejudiciais às meninas que aos meninos. Estudos correlacionais mostram que usuários assíduos de redes sociais apresentam índices maiores de depressão e outros transtornos que outros usuários ou não usuários. A correlação é maior e mais clara para meninas: usuárias assíduas têm três vezes mais chances de sofrer de depressão que não usuárias (Haidt, 2024, p.200).

A respeito das meninas, Beck e Guizzo (2011, p.15) nos dizem que “Desde crianças, elas já se autorregulam e se autovigiam, achando-se feias e com vergonha de seus corpos. Elas entendem que beleza e corpo são fundamentais na sociedade contemporânea”. A exposição às imagens de meninas consideradas bonitas, que usam maquiagem e produtos de *skincare*, que investem tempo e dinheiro na sua aparência, conforme nos diz Haidt (2024) gera um efeito negativo nas jovens, uma vez que as meninas têm mais probabilidade de tentar corresponder aos padrões exigidos pela sociedade. É importante lembrar que mesmo essas meninas que produzem os conteúdos *GRWM* também são vítimas desse sistema histórico, social, cultural, econômico, que cria metanarrativas que propagam a naturalização do excesso de cuidados com o corpo e a aparência, que banalizam procedimentos



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

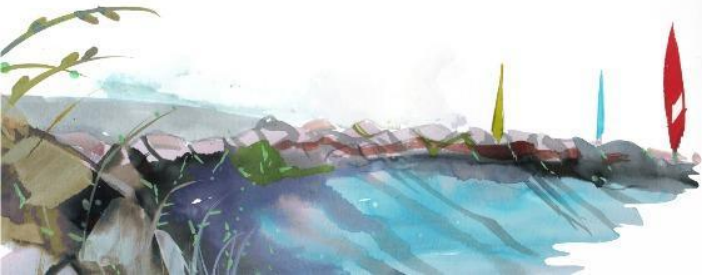
cada vez mais cedo, que incentivam o consumo desnecessário, que normalizam a consequente adultização de uma criança ou adolescente. Esse sistema vende a ideia de que a prática do autocuidado e o aumento da autoestima se realizam através da compra e do uso de produtos de beleza. Vende, indiretamente, a ideia de que é através da beleza que nós mulheres encontraremos a felicidade.

Concluindo

Precisamos com urgência promover um tipo de reflexão entre os mais jovens sobre as imagens massivas da cultura visual, considerando o acesso disseminado e corriqueiro que muitos fazem das redes. Carecemos de conversas mediadas que procurem despertar o entendimento dos possíveis impactos desse tipo de conteúdo na formação das subjetividades. Da mesma forma, a proteção e o cuidado em relação aos tipos de conteúdo acessados pelos adolescentes são cruciais, visto que apresentam uma tendência, que faz parte do seu desenvolvimento emocional, de seguir determinados modelos de comportamento na busca por identificação com seus pares.

Salientamos que mesmo na abordagem de assuntos que seriam práticas de feminilidade e, portanto, comumente parte de um universo feminino, a inclusão dos meninos e de todos os gêneros nessa discussão tem fundamental importância para pensar os efeitos desses discursos em todos. Nesse sentido, entende-se pertinente questionar no coletivo os padrões de gênero, de beleza e de feminilidade (abrindo a partir disso também espaço para discussões sobre masculinidades) considerando a relevância dessas temáticas na sociedade e na cultura em geral.

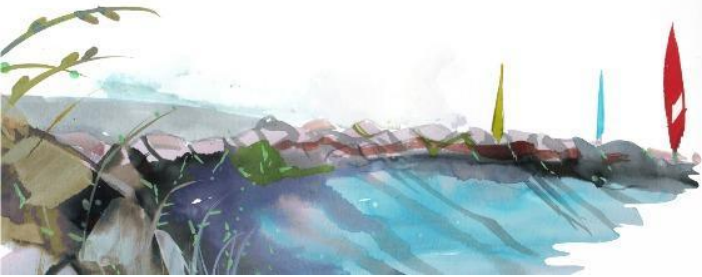
Investir numa educação para a cultura visual de forma a garantir o acesso dos estudantes a micronarrativas como as produções artísticas contemporâneas, que sejam um contraponto a essas imagens que reforçam padrões de comportamento de gênero e influenciam nossas vivências, é essencial. A escola deveria estar



comprometida com a análise e a problematização de certas práticas naturalizadas que, como no caso analisado, induzem ao consumo exagerado, a insatisfação e promovem um efeito negativo sobre as identidades dos estudantes.

Referências

- ACASO, María. La educación artística no son manualidades: nuevas prácticas em la enseñanza de las artes y la cultura visual. Madrid: Catarata, 2009.
- BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Corpo, gênero, erotização e embelezamento na infância. *Textura: Revista de Educação e Letras*, Canoas, n.24, p.16-36, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/875>. Acesso em: 09 jun. 2025.
- DIAS, Belidson. O i/mundo da educação da cultura visual. Brasília: Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011.
- FREEDMAN, Kerry. Teaching visual culture: curriculum, aesthetics, and the social life of art. New York: Teachers College, Columbia University, 2003.
- FLETCHER, Kanitra. Redução de danos: a resistência visual de mulheres negras dentro e fora do Brasil. 2019. In: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (org). História das mulheres, histórias feministas: vol.2 antologia. São Paulo: MASP, 2019. p. 458-469.
- HAIDT, Jonathan. A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- HERNÁNDEZ, Fernando. ¿De qué hablamos cuando hablamos de Cultura Visual? *Educación & Realidade*, Porto Alegre, v. 30 n. 2, p. 9-39, jul/dez 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12413>. Acesso em: 24 mai. 2025.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Los Estudios de Cultura Visual: La construcción permanente de un campo no disciplinar. *La Puerta FBA*. no. 2, p. 88-99, 2006. Disponível em: <https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/20035>. Acesso em: 24 mai. 2025.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- JONES, Amélia; WARR, Tracey. El cuerpo del artista. Phaidon espanõl: 2011.
- MATTIOLLI, Isadora. O corpo como questão: relações entre feminismos e arte contemporânea no Brasil. Porto Alegre: 2017. UFRGS Dissertação de mestrado. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180777>. Acesso em: 20 mai. 2025.
- MIRZOEFF, Nicholas. Una introducción a la Cultura Visual. Barcelona: Paídos, 2003.
- MUIR, Ellie. How TikTok's favourite trend finally went too far. Independent UK. Monday 20 January 2025. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/life-style/wildfires-tiktok-get-ready-with-me-grwm-b2680955.html>. Acesso em: 07 jun. 2025.



SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Cosméticos para crianças e adolescentes: conheça as orientações da Sociedade Brasileira de Pediatria. 22 jun. 2025. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/news/cosmeticos-para-criancas-e-adolescentes-conheca-as-orientacoes-da-sociedade-brasileira-de-pediatria/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

VISHMIDT, Marina. Realismo reprodutivo: por uma crítica estética do trabalho de gênero. 2018. In: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (org). História das mulheres, histórias feministas: vol.2 antologia. São Paulo: MASP, 2019. p. 445-457.

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 9ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

Notas

¹Mestranda em Educação pela UFRGS, possui especialização em Artes pela UFPEL (2023) e em Moda, Criatividade e Inovação pelo SENAC/RS (2010). É licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela UFRGS (2005) e bacharela em Artes Visuais (2015) pela mesma instituição. É professora de Artes da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo e da Prefeitura Municipal de Cachoeirinha/RS. E-mail: professoradaianeconstante@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2024271693704924>

²Doutora em Artes pela USP, mestre em Artes pela USP e graduada em Artes Plásticas pela UFRGS. Realizou pós-doutorado em Artes na Universidad Complutense de Madrid, Espanha. Bolsista de Produtividade em Pesquisa A do CNPq. É Professora Titular da UFRGS. Coordena o GEARTE/UFRGS/CNPq. É sócia da INSEA, da ABES e da ANPAP. Editora-Chefe da Revista GEARTE da UFRGS. E-mail: analicedpillar@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0033345213407184>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2143-3406>.

³Pesquisei os produtos e seus ingredientes nos perfis das marcas que estavam sinalizados no vídeo da menina.

⁴Dados do dia 07 de junho de 2025.

⁵Dados do dia 11 de junho de 2025.